

LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

Organizadores:
Heloisa Monteiro Rosário
Sara Luiza Hoff
Valdir do Nascimento Flores

2022

1ª edição

Porto Alegre

editora
ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amelia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

2022 © Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff e Valdir do
Nascimento Flores

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Capa: Heloisa Monteiro Rosário

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

L533

Leituras de Émile Benveniste [recurso eletrônico] : estudos sobre
literatura brasileira moderna / organizado por Heloisa Monteiro Rosário,
Sara Luiza Hoff, Valdir do Nascimento Flores. - Porto Alegre : Zouk, 2022.
212 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-096-1 (Ebook)

1. Linguística. I. Rosário, Heloisa Monteiro. II. Hoff, Sara Luiza. III.
Flores, Valdir do Nascimento. IV. Título.

2023-132

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

XIII - Benveniste e a descoberta freudiana: uma função da linguagem ou um sexto aspecto da enunciação?¹

Silvana Silva (UFRGS)
ssilvana2011@gmail.com

1. Contexto e justificativa

Benveniste é um linguista que, como poucos, soube estabelecer interlocução com as ciências conexas. Flores (2005) reconhece, inclusive, uma face interdisciplinar em seu fazer. Uma afirmação de seu texto já nos remete a um conceito linguístico necessário para tal articulação: a simbolização. Vejamos: “O interessante nesse vértice é a possibilidade de pensar a linguagem – talvez fosse melhor dizer *o simbólico* – como uma dimensão constitutiva de toda produção humana” (FLORES, 2005, p. 132, grifos nossos).

Este capítulo pretende explorar o(s) sentido(s) que o linguista deu à linguagem no que chamou “a descoberta freudiana” no texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956, *PLG F*). Sendo o inconsciente um dos conceitos basilares da Psicanálise, entendemos que Benveniste estabelece importantes reflexões sobre as relações entre a linguagem e esse grande desconhecido do homem. No entanto, o texto de 1956 é relativamente pouco comentado pelos especialistas, fato que dificulta o estabelecimento de relações epistemológicas.

2. Objetivo e atravessamentos

Para pavimentar um pouco esse caminho, o objetivo desse trabalho é avaliar se as reflexões de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956, *PLG I*) podem fazer alguma repercussão à noção de “enunciação” tal como entendido na elaboração de Ono (2017).

1 Este trabalho é parte integrante das atividades de Pesquisa do Estágio Pós-Doutoral em Estudos Retóricos, na Université de Liège, Bélgica, sob a supervisão do professor Sémir Badir.

2 As edições brasileiras de *Problemas de linguística geral* de Émile Benveniste serão, aqui, referidas conforme o seguinte sistema: sigla da obra (*PLG*), indicação do volume (*I* ou *II*) e indicação da página, se for o caso.

O texto traz, no entanto uma dificuldade: há uma crítica de Benveniste a uma certa interpretação de Freud sobre *a natureza da linguagem* como contendo um aspecto supostamente “primitivo” ou “original”. Essa dificuldade será discutida a seguir.

Freud, no texto “O sentido antitético das palavras primitivas”, mostra que as línguas antigas apresentavam uma ambiguidade estrutural (duplo sentido) que poderia ser usada para compreender a linguagem dos sonhos (tese do linguista Abel). Segundo Benveniste, essa tese é totalmente equivocada, pois,

As distinções que cada língua manifesta devem ser relacionadas com a lógica particular que as sustenta e não submetidas de imediato a uma avaliação universal. A esse respeito, as línguas antigas ou arcaicas não são nem mais nem menos singulares do que as que falamos. [...] A pretensão de procurar nela essa distinção e não a encontrar realizada demonstraria a insensibilidade à contradição não na língua mas no pesquisador, pois é realmente um objetivo contraditório imputar ao mesmo tempo a uma língua o conhecimento de duas noções enquanto contrárias e a expressão dessas noções enquanto idênticas (BENVENISTE, 1989, p. 89).

Além disso, há no texto de Benveniste uma aproximação ao texto, quase contemporâneo, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953) de Jacques Lacan, uma vez que o psicanalista introduz o domínio do “discurso concreto enquanto realidade transindividual do sujeito” bem como “operações da história para a emergência da verdade no real” na discussão sobre as proximidades entre linguística e psicanálise – conforme breve citação de Benveniste (1989, p. 83).

Abaixo, Benveniste destaca a propriedade geral das línguas e da linguagem nos seguintes termos:

Uma vez que pomos a linguagem organizada em correspondência com o psiquismo elementar, introduz-se no raciocínio um dado novo que rompe a simetria que pensávamos estabelecer. O próprio Freud, sem o saber, deu a prova disso no seu engenhoso ensaio sobre a negação. [...] O que subsiste então do recalque não é mais do que uma repugnância em se identificar com o conteúdo, mas o sujeito não tem mais poder sobre esse conteúdo. Ainda que o seu discurso possa prodigalizar as contestações mas não abolir a **propriedade fundamental da linguagem, que consiste em implicar em que “algo” corresponde àquilo que se enuncia – algo e não “nada”** (BENVENISTE, 1989, p. 91-92, grifos nossos).

Vemos na citação a seguir que a linguística pode apropriar, da psicanálise, a ideia de que há correspondência entre uma instância interna e uma externa ao sujeito. “Chegamos aqui ao problema essencial do qual todas essas discussões e o conjunto dos processos analíticos atestam a instância: o simbolismo. Toda a psicanálise se funda sobre uma teoria do símbolo. Ora, **a linguagem é apenas simbolismo.**” (BENVENISTE, 1989, p. 91-92, grifos nossos).

A partir de sua leitura do texto freudiano “Sobre o sentido antitético das palavras” (1910), citado por Benveniste, o psicanalista Jorge (2008, p. 113-116) posiciona-se sobre a suposta impossibilidade de articulação entre linguística e psicanálise – que, com a torção e a primazia de Lacan para o “significante”, poderia impossibilitar qualquer possibilidade de interdisciplinaridade – trazendo um elemento comum ao “inconsciente estruturado como uma linguagem” e a “linguagem”. Trata-se da **ambiguidade** da função simbólica da linguagem.

As línguas são totalmente permeadas pela ambiguidade da mesma forma que o sujeito do inconsciente é partido entre significantes e evasivo a toda e qualquer representação imaginária (JORGE, 2008, p. 114).

Eis o fascínio de Freud pelo “sentido antitético” das palavras, já que “é o simbólico – e apenas o simbólico – [que] permite que o sujeito transite por sua estruturação enquanto efeito do significante”, conclui Jorge (2008, p. 115).

Outro atravessamento da psicanálise na reflexão benvenistiana aparece no final do texto, quando Benveniste refere e reflete sobre o texto “A negativa” (FREUD, 1976 [1925]).

A negação é u’a maneira de tomar consciência do que se recalca, sem ser, entretanto uma admissão daquilo que se recalca. O resultado é uma espécie de admissão intelectual daquilo que se recalca. Não vemos, aqui, que o fator linguístico é decisivo nesse processo complexo, e que a negação é de certo modo constitutiva do conteúdo negado e, portanto, da emergência desse conteúdo na consciência e da supressão do recalque? (BENVENISTE, 1989, p. 91).

Logo, entendemos que a negação, “fator linguístico” – tanto quanto as imagens –, faz parte do chamado “inconsciente”.

A título de ilustração, recorremos a dois trabalhos de historicização do legado freudiano. A questão de fundo é a seguinte: em que período histórico se situam os textos freudianos que tratam da linguagem retomados por Benveniste? O biógrafo e historiador Gay (1989) divide a obra freudiana em três períodos, a saber: Fundamentos (1856-1905), Elaboraões (1902-1915) e

Revisões (1915-1939). Já o psicanalista Quinodoz (2007) situa a obra freudiana nos seguintes períodos: Descoberta da psicanálise (1895-1910), Os anos da maturidade (1911-1920), Novas perspectivas (1920-1939). Observamos em ambas as periodizações que Benveniste retoma dois textos de períodos diferentes do legado de Freud. A nosso ver, esse fato revela que Benveniste era um conhecedor de nuances da obra freudiana.

A linguista Fenoglio (2019) manifesta-se de forma semelhante ao psicanalista Jorge (2008). Em estudo sobre as notas dos manuscritos de Benveniste, ela refere-se a uma nota do artigo de Benveniste nos seguintes termos:

Benveniste manifesta claramente sua apreciação positiva dos trabalhos de Freud e de sua descoberta freudiana. [...] A nota mostra que Benveniste passou do que parece ser um contrassenso da teoria freudiana a uma compreensão final do papel da linguagem na teoria psicanalítica. Nessa nota, uma fronteira é instituída entre a psicanálise e a linguística; no texto do artigo, a fronteira entre as disciplinas é certamente mantida, mas sem oposição (FENOGLIO, 2019, p. 128-129).

Poderíamos nos perguntar o que exatamente Fenoglio (2019) quer dizer com a expressão ambígua “fronteira mantida mas sem oposição”. A própria palavra *correspondência*, que captamos do discurso benvenistiano, nos ajuda a compreender: para atravessar a “fronteira” entre o âmbito da psicanálise – a constituição subjetiva – e o âmbito da linguística – a constituição do sentido da palavra –, é necessária uma condição: a correspondência. Correspondência entre um “sentido” e uma “figura”, entre uma “significância” e uma “afirmação recalcada”. É claro que tal “correspondência” se realiza às expensas, muitas vezes, de um grande sofrimento do sujeito que, justamente, coloca o analista no lugar do outro, para poder receber em algum momento o “retorno” de sua fala e assim captar o sentido de sua própria – e não escutada – enunciação. Ainda nesse sentido e dependendo da situação (psic)analítica, tal “correspondência” coloca em relação “grandes massas de conteúdo verbal” – para usar uma terminologia à moda freudiana – e uma grande metáfora. É aí que a escuta ou a fala do analista pode ajudar o sujeito a “digerir” tais correspondências, “quebrando-as” em unidades menores, mais palatáveis ao analisando.

No próximo item, aprofundaremos a leitura de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956, *PLG I*), procurando relacioná-la com a questão do título de nosso texto.

3. O aspecto correspondencial na e pela linguagem

Uma questão a explorar é a relação entre o processo geral de “correspondência” e procedimentos linguísticos particulares, tais como a formação de figuras de linguagem. Benveniste, em extenso parágrafo, nos lança a investigar essa intrincada relação.

A continuarmos essa comparação, tomaríamos o caminho de fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso. Pode-se, ao nível da linguagem, precisar: trata-se dos processos *estilísticos* do discurso. De fato, é no estilo mais que na língua, que veríamos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou como sinaléticas da “linguagem” onírica. Ficamos impressionados com as analogias que aqui se esboçam. O inconsciente emprega uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem as suas “figuras”, e o velho catálogo dos tropos proporcionaria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontram-se aí, num e noutro, todos os processos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a litotes. A natureza do conteúdo evidenciará todas as formas da metáfora, pois é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade (BENVENISTE, 1989, p. 93-94).

Ono (2017) coteja cinco aspectos da enunciação, a saber, o aspecto vocal, o aspecto operacional de conversão da língua em discurso, o aspecto individual, o aspecto alteritário e o aspecto referencial, tomando como ponto de chegada o texto “O aparelho formal da enunciação”. A questão de fundo que nos move é a seguinte: o conceito de enunciação do texto de 1956 revela tão somente uma “função” da linguagem ou constitui um sexto aspecto da enunciação?

Uma primeira exploração do texto nos mostra que, apesar de Benveniste fazer um esforço para demonstrar que, na situação de análise, há uma oposição entre “dois” discursos – o do inconsciente e o consciente, atribuindo a essa duplicidade a ideia de “função” de linguagem, tal duplicidade acrescenta uma faceta ao fenômeno multifacetado da “enunciação”.

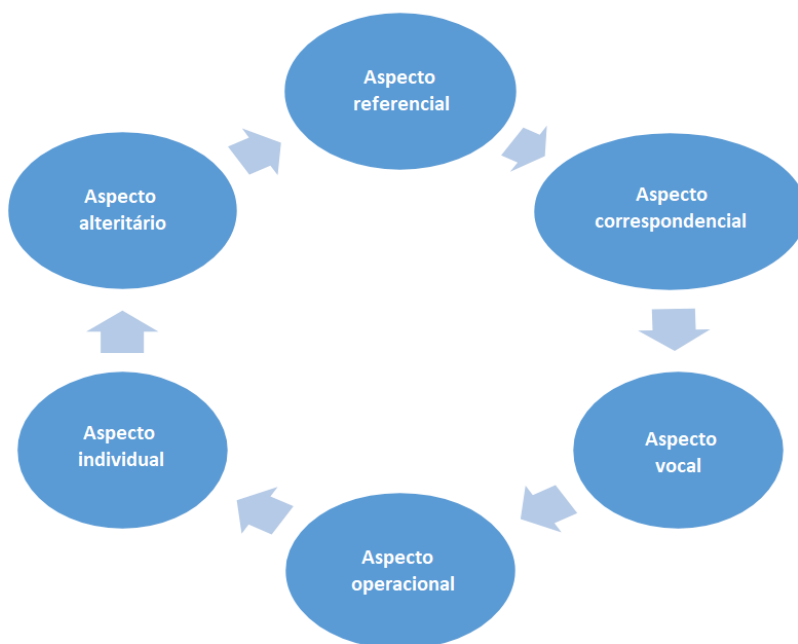
Essa faceta é justamente o fato de que se a “enunciação” contém um “aparelho” e o psiquismo, em termos freudianos, em especial a partir da segunda tópica do inconsciente, apresenta igualmente um “aparelho”, o texto “Observações...” nos permitiria pensar em um “duplo aparelho”: um aparelho que estabelece a interlocução e outro que deseja ser escutado.

A esse sexto aspecto chamaremos de *função correspondencial* da linguagem: ao analista cabe estabelecer uma “escuta” entre as figuras e estilos “retóricos” do aparelho inconsciente e as narrativas que o locutor conta sobre si mesmo em situação de análise.

A retomada estratégica de Benveniste do texto “A negativa” de Freud revela que tal aparelho opera na passagem de uma “(de)núnciação” de um dizer recalcado no inconsciente a uma assunção de tal dizer na e pela situação analítica. Assumimos, por fim, a tarefa de descrever tal “duplo aparelho formal da (de)núnciação” em seu desdobramento em “aparelho formal da(outra) enunciação”, que consistiria na renovação da palavra e dos sentidos, pela extração de um sentido “latente” dentro da palavra, uma afirmação dentro de outra desafirmação, experiência crucial no campo da fala em análise.

Abaixo, demonstramos em que “lugar” situamos o dito *aspecto correspondencial* da linguagem.

Figura 1 — O lugar do aspecto correspondencial na enunciação



Fonte: Elaboração própria.

Retomando os cinco aspectos de Ono (2017), acrescentamos um “sexto” aspecto, o *correspondencial*, que, a nosso ver, estaria localizado entre o aspecto

vocal e o aspecto referencial. De fato, é na escuta, no retorno do dizer do analisando para si mesmo, espécie de voz em eco e em dissolução, que a correspondência entre uma enunciação mais ou menos dolorosa e um fragmento, uma figura do inconsciente, que o sujeito reconhece um *processo estilístico de seu discurso*. Nesse reconhecimento, o analisando pode referir, correferir novamente e, assim, recriar novos sentidos, novas relações referenciais e, conseqüentemente, armazenar novas figuras estilísticas.

Em nossa pesquisa de pós-doutorado, destacamos a dimensão da articulação entre os operadores conceituais gesto e figura de linguagem – a partir de nossa leitura do legado retórico para o campo enunciativo – para a compreensão do fenômeno da expressão, organização e ocultação do “desejo na linguagem” (LYOTARD, 1971). A leitura e a análise-piloto da obra *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes, nos conduziram a um terceiro elemento articulador: o afeto ou a atitude linguística.

Assim, a partir da análise da obra de Barthes (1994), entendemos que os *processos estilísticos do discurso*³ a que se refere Benveniste na conclusão do artigo são compostos de:

1. **Gesto:** mobilização ou deslocamento de figuras para constituição de outro espaço de dizer
2. **Figura:** fixação de conteúdos em formas simbólicas
3. **Afeto:** conteúdo (recalcado) que mobiliza a produção de figura e de gesto

Ainda considerando que o aspecto correspondencial pode ser visto como um “nível de análise”, e o entendendo como intermediário entre o nível dos processos estilísticos do discurso (ou da língua, ou seja, mais ou menos “inconscientes”) e da construção atual da autorreferência no discurso, esmiuçamos, abaixo, seus elementos constitutivos e algumas de suas relações. Esse nível é composto, a nosso ver, de dois processos principais:

1. Na junção entre gesto e figura, há a formação de uma **fixação** em formas de dizer(-se), isto é, a própria constituição da “personalidade” do sujeito, isto é, seu “jeito” de dizer(-se).
2. Na passagem do afeto para o nível enunciativo, há o **recalcamento** de algumas (muitas) formas linguísticas ou mesmo o deslocamento, a substituição, constituindo assim uma forma de o sujeito driblar os

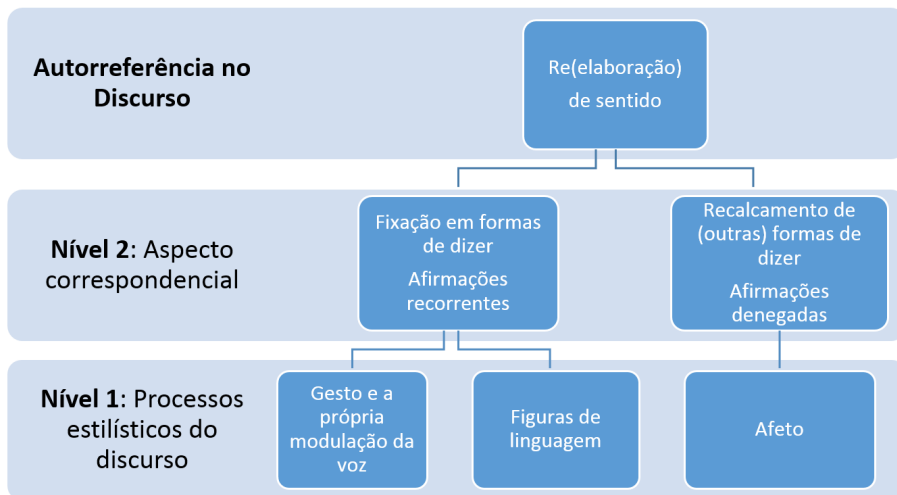
3 Para mais esclarecimentos, remetemos o leitor a nosso estudo sobre as relações epistemológicas entre gesto e figura em discursos (SILVA, 2022, no prelo).

interditos da linguagem em relação a certos “afetos” inapropriados na sua relação com a sociedade.

Esses dois processos básicos – fixação e recalçamento – se juntam, por fim, na elaboração e reelaboração contínua do sujeito em seu discurso.

Vejamos, em esquema, adaptado da descrição de Silva (2020) para um processo de semantização do discurso.

Figura 2 — Aparelho formal da (de)núnciação



Fonte: Elaboração própria (adaptado de SILVA, 2020).

Não é objetivo deste artigo tornar essa explicação mais complexa do que o esquema genérico aqui aplicado, mas talvez esse dispositivo possa ter alguma relevância clínica. Entendemos inclusive que em algumas situações possa não haver uma simples “convergência” entre fixação e recalçamento, mas de fato dissociação e desconstrução.

4. Considerações finais

Como vimos, o objetivo deste trabalho não foi o de destacar a “função da linguagem” na descoberta freudiana, mas fazer o percurso inverso: o de observar se a “função do inconsciente” faz sentido para a linguística.

De maneira geral, podemos constatar que tal função está atrelada a um sexto aspecto da enunciação, a que chamamos *aspecto correspondencial*, o qual, a nosso ver, coloca em relação paradoxal afirmações recorrentes e afirmações

denegadas na reconstrução que o sujeito faz para elaborar a autorreferência que constitui o ponto de ancoragem de sua enunciação.

Nesse sentido, esperamos ampliar a discussão operacional de tal aspecto, em especial a partir do conceito de processos estilísticos do discurso. É a tarefa alçada.

Referências

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. *In: BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1990. p. 81-92.

BENVENISTE, É. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. *In: BENVENISTE, É. Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-96.

FENOGLIO, I. As notas de trabalho de Benveniste: onde o pensamento teórico nasce via enunciação. *In: FENOGLIO, I. Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Tradução de Valdir do Nascimento Flores, Veronica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário. Brasília: Editora da UnB, 2019. p. 115-152.

FLORES, V. do N. Por que gosto de Benveniste? (Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 217-230, dez. 2005.

FREUD, S. A negativa. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 293-301.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JORGE, M. A. C. A controvérsia Freud-Benveniste. *In: JORGE, M. A. C. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 112-116.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-323.

LYOTARD, J. F. *Discours, figure*. Paris: Klincksieck, 1971.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

QUINODOZ, J. M. *Ler Freud: guia de leitura da obra freudiana*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, S. A semantização da noção de Ensino Remoto Emergencial na comunidade Academia Pandêmica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 35, *online*, 2020. *Anais [...]*. [S. l.]: ANPOLL, 2020. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0133-1.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.

SILVA, S. *Gesto & figura: história, teorias e análises*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2022 [no prelo].